



SEVILHA / CÓRDOBA  
AL-ANDALUS, SEC. VIII-XV

NORDESTE/  
BRASIL  
SERTÃO, SÉC. XVI-XX

## Sinopse

O conquistador se pôs perante o inimigo antes de atravessar o Mediterrâneo com seus cavaleiros para subjugar-lo. E após a vitória convocou nobres árabes para ajudarem a tornar Córdoba na grande joia de Al-Andalus.

Os mouros que comandavam esse reino respeitavam os povos do livro e enfeitaram aquelas terras com seus arabescos e estrelas e a magia da poesia de seus súditos, que cada vez mais se arabizavam com o som dos instrumentos e ritmos, o conhecimento dos sábios e o canto e técnicas agrícolas dos pastores. Porém, perderam o Algarve para Dom Afonso III de Portugal e encararam a decadência até serem conquistados por Castela e Aragão, que iniciaram uma perseguição contra sua cultura e seu legado junto com o reino luso.

Mas aquele já estava entranhado na sociedade portuguesa. E junto com os mouriscos, convertidos forçados e prisioneiros, e os escravizados malês, trouxeram heranças árabes e islâmicas para as partes mais ao norte da colônia brasileira.

Com as técnicas de agricultura, os arabizados criaram o engenho de açúcar protegido pela guarda herdeira da cavalaria do conquistador, ao passo que se assumiram profissões de mestres de ofício, como a de alfaiate, e incorporaram as mantilhas longas ao vestuário das damas. As cidades surgiram e floresceram com a arquitetura de azulejos e casinhas estreitas.

E ao longo dos séculos mais influências foram se perpetuando. Quituteiras herdaram as receitas de pratos árabes e as poesias e ritmos deram origem ao repente e aos sons das bandas de pífanos, que tocam o baião, e do samba de coco, todos compondo a harmonia musical dos folgedos. Do conhecimento dos sábios, aliado com o medieval, surgiu o cordel com suas histórias de heróis do sertão.

Um deles, o vaqueiro, pôs sua veste enfeitada para atravessar o sertão. E após ser reconhecido como cavaleiro armorial, rumou com o Movimento para redescobrir a influência árabe no Nordeste. Legado de Al-Andalus em terras de Brasil.

Autor do enredo: Sérgio Razera Júnior

Autor da sinopse: Erick Araújo

## **Roteiro**

### **Setor I – Nasce Al-Andalus**

O Califado havia dominado Pérsia, Síria e Egito e continuava a se expandir pelo Egito e Norte da África, espalhando o islã para as populações nativas dos locais conquistados. Foi então que o governador de Ifriqiya decidiu saber sob como eram as terras para além do Mediterrâneo. E de um relato de riqueza e bonança surgiu a ambição de conquistar a terra governada por Visigodos.

#### **Comissão de frente – O conquistador perante os Visigodos**

Integrantes: 15.

Muçã (Musa ibn Nusayr), governador do Norte da África em nome do Califa, havia mandado missões de reconhecimento ao Reino dos Visigodos e, após um relato de riquezas, desejou conquistar a região. A oportunidade veio quando Juliano, senhor de Ceuta, tramou com Tárique (Tariq ibn Ziyad), general de Muçã, uma conquista como vingança pela violência do rei Rodrigo contra a filha do lorde.

#### **Primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira – Mar Mediterrâneo**

Separando o Reino dos Visigodos das terras berberes conquistadas pelos servos do Califa havia uma parte estreita do Mar Mediterrâneo. Foi graças a ação de Juliano que um navio levou o exército de Tárique disfarçado como mercadoria. E em Gibraltar ele desembarcou para iniciar a conquista do novo território.

Gibraltar vem de *Jibal Tariq*, a rocha de onde veio o conquistador.

#### **Ala 1 – *Zanati***

O exército de Tárique possuía tropas árabes, mas a maioria dos soldados eram berberes. Dentre eles estavam os *Zanati*, uma espécie de cavalaria leve que usava dardos e um escudo em forma de coração ou oval. Devido à velocidade dessas tropas, o general triunfou na Batalha de Guadalete, derrotando os Visigodos e conquistando diversas cidades logo após. Nascia Al-Andalus.

*Zanati* deriva da tribo Zenata.

#### **Ala 2 – Nobreza árabe**

Ao longo dos anos, os conquistadores foram derrubando as resistências locais e pacificando a região. Colonos berberes que foram junto da expedição começaram a se assentar em várias partes do antigo reino e a eles se seguiram levas de árabes vindos dos atuais Iêmen e Síria. De linhagem nobre, esses assumiram funções mais importantes no governo.

#### **Alegoria 1 – Esplendor de Córdoba**

Córdoba se tornou a capital da nova província subordinada ao Califa reinante Oriente Médio e futuramente se tornou sede de um Califado quando Omíadas exilados tomaram o poder na região. Era uma cidade conhecida por seus ouros e pedrarias, sedas que estavam entre as mais valiosas do mundo da época e prosperidade econômica. Era a grande joia do poder árabe-muçulmano naquelas paragens e de onde a influência desse se espalhou pela península.

### **Setor II – Terra de mouros e moçárabes**

Com a conquista também veio os hábitos e costumes dos vencedores. Chamados de mouros pelos habitantes da península e pelos reinos cristãos ao norte, árabes e berberes trouxeram inovações na música, nas ciências, na agropecuária e na escrita. Seus costumes influenciaram os locais, criando levas de cristãos arabizados ou que se comunicavam em árabe. E foi assim até a queda de Granada e subsequente perseguição dos mouros.

#### **Ala 3 – Arabescos e estrelas**

Na arquitetura, os mouros levaram pra península sua arte com os arabescos intrincados, as estrelas de cinco ou seis pontas e os arcos em forma de ferradura, visíveis nas mesquitas, moradias e até mesmo construções militares. *Al-Qasr* (alcácer), *al-Barran* (albarrã) e *az-Zuleidj* (azulejo) se espalharam por todo o território conquistado.

### **Velha Guarda – Dhimmis**

Aos conquistados, cristãos e judeus, foi oferecida proteção por serem povos do livro (dhimmis) e liberdade de culto, desde que pagassem a *Jizya*, taxa religiosa. Com o tempo os cristãos, especialmente, foram se arabizando ao ponto de trocarem o latim pelo árabe no seus escritos e de adotarem as túnicas ornamentadas como vestuário. Surgia a figura do moçárabe.

### **Ala 4 (passistas) – Magia da poesia**

É dito que qualquer simples camponês de Al-Andalus, enquanto na lida, puxaria algum instrumento musical e improvisaria versos acerca da natureza, do céu e dos amores, numa poesia chamada de *Zajal*. Já os mais cultos recorreriam a versos com rigidez métrica e, após contato com a escrita hispânica, rimados, criando poemas chamados de *Muwassaha*.

### **Ala 5 (bateria) – De cordas e adufes**

E o instrumento para poética poderia possuir cordas como o *al-Oud* e o *Rebab* ou ser membranoso como o *ad-Duff*, manuseados alegremente pelo povo que incorporava o espírito de cantadores populares enquanto tocava ritmos como o *Maltuf* e o *Ayoub* e executava técnicas como a Terça Neutra.

Alaúde, rabeca, viola e pandeiro são instrumentos de origem árabe ou, no caso da terceira, incorporados da Pérsia e levados para Al-Andalus.

### **Ala 6 – Sábios**

Os mouros também levaram seus conhecimentos em medicina, matemática e até mesmo astrologia e astronomia, de onde criaram o *al-Manakh* (almanaque) para compartilhar as tabelas astrológicas e astronômicas e notícias diversas.

### **Ala 7 – Pastores**

Em termos de agricultura e pecuária, os mouros trouxeram suas culturas agrícolas, influenciando no modo de produção e local e introduzindo formas de cultivo e manejo dos animais mais sanitárias. Um exemplo seria a *as-Saniya* (azenha), moinho de roda d'água e novas técnicas de irrigação. Também levaram sua forma de arrebANHAR os animais por meio de um canto característico.

### **Ala 8 – Dom Afonso III**

Quando Portugal surgiu pelas mãos de Dom Afonso Henriques, a nobreza local era moçárabe e reclamava descendência da linhagem dos Califas, ao passo que os muçulmanos eram protegidos de perseguição. Isto se manteve, inicialmente, quando Dom Afonso III conquistou o *al-Gharb* (Algarve), a parte ocidental de Al-Andalus, criando fronteiras similares aos do país atual.

### **Segundo casal de mestre-sala e porta-bandeira – Castela e Aragão**

Seguido à conquista do Algarve e ao colapso dos Almôadas, Castela e Aragão lançaram em guerras, continuamente, para reverter as conquistas muçulmanas. Esses eventos foram chamados de Reconquista e seu ápice se deu com a queda do Reino de Granada da dinastia Násrida.

Diz uma lenda que os reis católicos, Fernando e Isabel, receberam as chaves dos Omíadas e foram coroados reis de Granada usando vestes mouras.

### **Alegoria 2 – Perseguição dos mouros**

Com a queda de Granada, a política de tolerância dos muçulmanos e dos judeus foi revertida pelos reis cristãos. Tudo relacionado a eles foi proibido, incluindo poesia, música e os tipos de pratos

trazidos ao longo dos séculos. Conversões forçadas foram aplicadas e até mesmo o rei de Portugal, Dom Manuel I, teve que implantar a mesma política para acalmar seus vizinhos e se casar com uma princesa castelhana.

### **Setor III – Terras de além-mar**

A perseguição aos mouros também influenciou na colonização portuguesa, pois muitos descendentes de árabes, prisioneiros de guerra do Marrocos ou cristãos arabizados foram enviados para as colônias de Portugal ao menor sinal de dissensão aos olhos da Coroa. A eles juntaram-se os escravizados de fé islâmica e todos deixaram suas digitais no Nordeste do Brasil.

#### **Ala 9 – Mouriscos**

Junto aos portugueses, que já possuíam hábitos árabes enraizados na sua sociedade, foram ao Brasil os mouriscos, os muçulmanos que se tornaram cristãos ou fingiram se tornar e esperavam poder praticar sua fé e costumes em paz nas novas terras, além dos prisioneiros das guerras de Portugal no Marrocos. Todos eles levaram ao atual Nordeste seus conhecimentos herdados dos antepassados. Como a colonização inicialmente focou mais no Nordeste, é lá onde a influência moura / mourisca mais se fez presente.

#### **Ala 10 (crianças) – Malês**

Conforme avançava a escravidão no Brasil, negros foram enviados à Colônia em tumbeiros. Parte deles trazia consigo a fé islâmica, ritmos arabizados, conhecimentos de construção árabe que usaram nos quilombos a que se juntavam quando fugiam e amuletos de proteção chamados de mandingas ou patuás, marca presente nas religiões afro-brasileiras e nas crenças populares.

Malê é o nome dado a todo escravizado de fé islâmica, que no Brasil eram malinkes, hauçás ou iorubás convertidos.

#### **Ala 11 – O engenho**

Das técnicas agrárias e de irrigação dos mouros, bem como da azenha, surgiram os engenhos de açúcar que foram levados ao Brasil após o sucesso do plantio da cana na Ilha da Madeira. E foi ao redor do canavial que surgiram as plantações de algodão e a pecuária em solo brasileiro, ambos também usando o conhecimento árabe.

#### **Ala 12 – Guarda Colonial**

Dos *zanati*, surgiu uma forma adaptada aos portugueses como “cavalaria à la gineta”, montadores leves e ágeis que acabaram se tornando parte essencial das armas portuguesas quando lutando nos desertos, na Índia ou no Brasil. E aqui formaram a Guarda Colonial, com seus cavalos e dardos *az-Zagaia* (azagaia).

#### **Ala 13 – Alfaiates**

Os mouros / mouriscos tornaram-se elementos de grande valia no esforço de ocupação da terra devido à grande falta de mão-de-obra técnica. Foi a ascensão dos mestres de ofícios, como ferreiros, sapateiros, pedreiros, mascates e alfaiates.

Anos depois, quando da imigração sírio-libanesa, estes dois últimos ofícios teriam novo influxo de influência árabe.

#### **Ala 14 (damas) – Beatas com mantilha**

Pelas cidades do atual Nordeste era possível ver senhoras e damas da sociedade vestidas com longas mantilhas cobrindo o corpo, especialmente quando iam à Igreja, semelhante às mouriscas da Península Ibérica. Lá, era comum orar sentado no chão ou em esteiras, causando espanto pela semelhança da prática com uma mesquita.

### **Alegoria 3 – A cidade sertaneja**

Nas cidadezinhas que nasceram e floresceram em torno de fazendas e engenhos, surgiram igrejas construídas com clara inspiração árabe, como os arcos em forma de ferradura, azulejos decorados e *çanifâ* (sanefa, moldura da base). Cercavam a praça da Matriz casas estreitas de portas e janelas inspiradas na arquitetura árabe e berbere e ainda *mashrabiya* (muxarabi), estrutura que permitia olhar a rua sem ser visto e refrigerar a moradia. Tudo enquanto o povo circulava pela cidade com sua algazarra.

### **Setor IV – Folclore**

E ao longo dos séculos os hábitos que descendiam da influência árabe foram se entranhando na sociedade nordestina, compondo parte do conjunto de costumes e crenças chamado de folclore. Alimentação, música, danças, folguedos e literatura locais trazem as marcas do que foi plantando pelos mouriscos. E essa herança foi reestudada e resgatada pelo Movimento Armorial.

### **Ala 15 – Quituteiras**

É dos mouros que veio o gosto do nordestino por comidas gordurosas ou por alimentos bem doces. Incorporaram-se, a título de exemplo, a *kibdiyya* (cabidela), preparada no Nordeste com o sangue dos miúdos, o *kuskus* (cuscuz), feito com milho e diferente do original, o *al-Fanid* (alfenim), doce de açúcar em forma de animal. Tudo passando pelas mãos de habilidosas quituteiras.

### **Ala 16 (compositores) – Violeiros repentistas**

Impregnou-se também pelos sertões a musicalidade e magia da poesia dos mouros. Do *Zajal* e sua poesia ligeira e improvisada veio o tradicional repente entoado por cantadores populares e acompanhado pelo som de viola ou de pandeiro.

### **Ala 17 – Banda de pífano**

Em que pese os mestres das bandas reclamarem sua herança dos flautistas indígenas, o pífano é um instrumento de reconhecida origem árabe. Além disso, as bandas usam da técnica da Terça Neutra e tocam o ritmo descendente do *Maltuf*, conhecido como baião.

### **Ala 18 (baianas) – Dançarina de samba de coco**

Os escravizados trouxeram a sonoridade do *Gnawa*, ao passo que os mouriscos vieram com o *Ayoub*. Dos compassos desses ritmos de clara influência islâmica e árabe e dos *Muwassaha*, fundidos com influências indígenas e outras africanas, nasceu o samba de coco, aqui representado pelas suas tradicionais dançarinas.

### **Ala 19 – Reisado**

Acrescidos da rabeça, os sons, compassos e batidas dançantes são ouvidos em todos os folguedos que ocorrem em solo nordestino. Dança-se e brinca-se nos reisados, cavalo-marinho, congadas, pastoris e cavalhadas ao som da música influenciada por ritmos e instrumentos árabes.

### **Ala 20 – Literatura de cordel**

O almanaque veio ao Nordeste na mesma seara que as gestas, os romances de cavalaria, canções e cantos populares. E todos eles se misturaram numa espécie de folheto que era pendurado em barbantes para exposição. Dentre as histórias estavam Imperatriz Porcina e Donzela Teodora, contos de origem árabe-andaluz e que se tornaram clássicos da literatura de cordel.

### **Alegoria 4 – Vaqueiro Armorial**

Mas talvez a maior herança árabe seja a figura do vaqueiro nordestino, diferente de todos os outros do país e um herói popular. Seu vestuário é baseado em vestes árabes com arabescos baseados em imagens locais e trabalho de *wad' al-Masir* (guadameci, couro enfeitado), feito de gibão

(descendente da túnica moura), *maftulah* (matulão), *al-Jibaira* (algibeira), *al-Hur* (alforje), *al-Barghat* (alpercata), *saqun* (safão) e *as-Sawt* (açoite), e montado num *al-Hisan* (alazão). Estrelas foram adicionadas com o visual se confundiu com o do cangaceiro. Seu canto, o aboio, é inspirado no cantar dos pastores árabes. E para além de herói, o vaqueiro se tornou num cavaleiro do Movimento Armorial, e este se dedicou também a reestudar e redescobrir a influência árabe no Nordeste.

## Referências

### Bibliográficas

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala:** formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48<sup>a</sup> ed. rev. São Paulo: Global, 2003.

SANTOS, Paulo Roberto dos. **Literatura de cordel:** passagens por Al Andalus e influências da cultura árabe. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, 2015.

SOLER, Luis. **Origens árabes no folclore do sertão brasileiro.** Florianópolis: Editora da UFSC, 1995.

### Vídeos

HISTÓRIA ISLÂMICA. **As marcas da civilização islâmica no Nordeste brasileiro.** YouTube, 17 de maio de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LaEFipmPa1w>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2026.